



ATUAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA EM GRUPO DE ADOLESCENTES E /OU ADULTOS COM ALTERAÇÕES DE LINGUAGEM



*Amanda Maura Borin (amanda.borin@yahoo.com.br);
Profª Drª Rita de Cássia letto Montilha (rita.montilha@gmail.com)*

**Faculdade de Ciências Médicas -
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP - Campinas, SP, Brasil - PIBIC - SAE**

Palavras-chave: Reabilitação dos Transtornos da Fala e da Linguagem – Adolescente – Saúde de Grupos Específicos.

INTRODUÇÃO

A terapia grupal teve início no século XX, por meio da iniciativa de alguns importantes profissionais possibilitando verificar sua importância e utilidade como modo de aceleração do processo de recuperação de pacientes com diferentes patologias (Zimerman, 1997). Especificamente na fonoaudiologia, seu surgimento ocorreu na década de 80, por consequência de um aumento da demanda de pacientes, impossibilitando que estes fossem atendidos individualmente, que refletiu na percepção de que a terapia grupal não é apenas um meio de atender a todos os pacientes, mas também, como um momento em que havia trocas de experiências, conhecimentos e vivências (Souza et al., 2011).

Estudos realizados com grupos de pacientes com gagueira revelam melhora na fluência e na descontinuidade de fala; aumento do fluxo de palavras por minuto; e diminuição da velocidade ao falar, dos movimentos associados, e da repetição de frases inteiras (Linhares e Bistene, 2009; Gomes e Scrochio, 2001).

Segundo Zimerman (1997), um grupo não é apenas uma junção de indivíduos, mas sim uma união de acordo com o objetivo comum aos seus interesses, devendo conter um enquadre (setting) com regras a serem combinadas e cumpridas, possibilitando que a atividade grupal seja realizada. É necessária, também, a presença de um mediador para intermediar as ações do grupo.

OBJETIVOS

Objetivos Gerais

· Descrever e analisar a abordagem grupal fonoaudiológica com adolescentes e/ou adultos com alteração da linguagem.

Objetivos Específicos

- Descrever e analisar a mediação desempenhada pelo fonoaudiólogo durante a intervenção grupal;
- Descrever e analisar a interação entre os participantes do atendimento grupal em fonoaudiologia;
- Descrever e analisar as atividades desenvolvidas nesses atendimentos.

METODOLOGIA

A presente pesquisa é de abordagem qualitativa e corte longitudinal. Foi apresentada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (FCM - Unicamp), nos termos da Resolução 196/96 do CONEP com o parecer número 114.964/2012.

Sujeitos

O estudo contou com a participação de 6 sujeitos, sendo 4 adolescentes e 2 adultos, que apresentavam alterações de linguagem e estavam em acompanhamento fonoaudiológico grupal, no Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação “Prof. Dr. Gabriel O. S. Porto” (CEPRE) – FCM- Unicamp.

Os sujeitos/responsáveis assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que a coleta de dados pudesse ser realizada.

Coleta de dados

A coleta de dados baseou-se: 1) no estudo dos prontuários, para levantamento e caracterização do perfil sócio-demográfico e de linguagem dos sujeitos; 2) na observação e registros em áudio e vídeo dos encontros dos grupos de pacientes com alteração de linguagem (período de agosto a dezembro de 2012); 3) no registro das observações por meio de um diário de campo.

Análise dos dados

As gravações foram transcritas e analisadas, sendo realizada leitura flutuante das transcrições para posterior estabelecimento das categorias de análise. Para isso, foi utilizada a Análise de Conteúdo (Minayo 2004)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Caracterização dos sujeitos

Sujeitos	Característica de Linguagem	Idade	Profissão	Acomp. Fonoaud.
HS	Pausas, hesitações, repetições e prolongamentos durante a fala.	14	Estudante	3 anos e 11 meses
BS	Pausas, bloqueios, hesitações, repetições e prolongamentos durante a fala, associados a movimentos de cabeça, braços e piscar de olhos.	15	Estudante	3 anos e 6 meses
GP	Pausas, hesitações, repetições e prolongamentos durante a fala, às vezes associados a movimentos de cabeça e piscar de olhos.	13	Estudante	6 meses
IF	Pausas, repetições e prolongamentos durante a fala.	14	Estudante	2 anos
CV	Pausas, hesitações, repetições e prolongamentos durante a fala, associados ao piscar de olhos.	23	Estudante	1 ano
JR	Hesitações, repetições e prolongamentos durante a fala.	34	Téc. Segur. do Trabalho	2 anos e 5 meses

1 - Mediação desempenhada pelo fonoaudiólogo durante a intervenção grupal

I) Estimulação para maior interação paciente/terapeuta e paciente/paciente; II) Ênfase na instrução da atividade; III) Intervenção em momentos de silêncio; IV) Explicação do objetivo das atividades/relação com a gagueira; V) Discussão e estabelecimento de regras.

Exemplos:

“O que mais que você está vendo aqui? Oh, o senhor, o cachorro, a mão. O que mais, tem mais coisa aqui oh. Esse aqui é o corpo dele.”

(Estagiário C) – Intervenção em momento de silêncio

“A única instrução é: não encoste no seeeu copo ou no seeeu chiclete com a suuuu mão.”

(Estagiário A) – Ênfase na instrução da atividade

“E essa atividade é pra mostrar o quanto que a gente às vezes, né, a gente observa, às vezes a gente pode ter ajuda do outro nesse momento, né, então, um fono pode ser esse outro, o psicólogo, o pai, a mãe de vocês, pode ser esse outro, o irmão, então sempre buscar essa ajuda, e pensar que tudo não é um caminho que a gente precisa fazer sozinho. Vocês podiam ter pedido pra eu colocar o chiclete na sua boca, eu podia ter colocado pra vocês se vocês tivessem me pedido.”

(Estagiário A) – Relacionando a atividade com a gagueira

2 - Interação entre os participantes do atendimento grupal em fonoaudiologia

I) Interação paciente/paciente e paciente/terapeuta; II) Iniciativa na interação; III) Estimulação para a maior participação de outro membro; IV) Paciente só fala quando é estimulado; V) Manifestações observáveis e não observáveis da gagueira.

Exemplos:

CV: “Você não gosta de jogar futebol?”

GP: “Gosto.”

CV: “Então cara... e você fica falando que não sabe... é palmeirense?”

GP: “Não.”

CV: “O que você é então?”

GP: “São paulino.”

CV: “Ai oh, já era. Sou São paulino também!”

(Diálogo entre os pacientes CV e GP)

“É que eu estava tentando falar”

(Paciente BS)

“Espera, deixa eu me concentrar”

(Paciente HS)

“Não vou jogar! Eu errei feio!”

(Paciente HS)

3 - A atividade promove ou não a terapia fonoaudiológica?

- **PROMOVE** – favorecimento da linguagem e da interação; menor necessidade de mediação;
- **NÃO PROMOVE** – não favorecimento da linguagem e da interação; maior necessidade de mediação.

Exemplo de atividade que promoveu a terapia fonoaudiológica:

Atividade: “Música”

Os participantes deveriam criar uma música para ser apresentada na festa de encerramento do ano;

O tema escolhido foi: “coisas que gostamos de fazer”;

Os participantes demonstraram interesse na realização da atividade e interagiram mais entre si.

Exemplo de atividade que não promoveu a terapia fonoaudiológica:

Atividade: “Jogo Quest”:

Os participantes deveriam responder questões sobre conhecimentos gerais. Quem acertasse ganhava ponto; Houve maior necessidade de intervenção do estagiário como mediador e redução da interação entre os participantes; A não adesão dos participantes à atividade, restringindo o alcance do objetivo terapêutico.

O atendimento em grupo gera um amadurecimento dos sujeitos de forma mais rápida do que em atendimentos individuais; ajuda na formação da identidade e subjetividade dos sujeitos, melhora a percepção do que é trazido pelo outro e o autoconhecimento. O espaço grupal possibilita múltiplos sentidos, que refletem na criação de novas ações e novos sentidos, se tornando uma ocorrência cíclica (Araújo e Freire, 2011; Mourão et al., 2006; Givivi e Alves, 2009)

CONCLUSÃO

Há relação cíclica entre a escolha da atividade; a mediação do profissional; a interação entre os participantes do grupo; criação do vínculo, sendo que as mudanças ocorrem de acordo com os acontecimentos do grupo. O papel do mediador ajuda no favorecimento da interação entre os membros e reflete no cumprimento do objetivo terapêutico. Atividades com jogos prontos como “Jogo Show do Milhão”, “Jogo Quest” e “Jogo Imagem e Ação” necessitaram de maior intervenção do terapeuta e diminuíram da interação entre membros.

Os temas abordados são pouco discutidos na literatura e é importante que sejam realizados novos estudos nessa área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ARAÚJO, M. L. B.; FREIRE, R. M. A. de C. Atendimento fonoaudiológico em grupo. Revista CEFAC. São Paulo, v. 13, n. 2, Abril. 2011.
- GIVIVI RC DON; ALVES FL. A captura do movimento do discurso e a produção de sentidos: as entrevistas como dispositivo de análise na clínica fonoaudiológica. Distúrb Comun. 2009; 21(3): 397-407.
- GOMES, M. J. C.; SCROCHIO, E. F. Terapia da gagueira em grupo: experiência a partir de um grupo de apoio ao gago. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva. São Paulo, v.3, n.2. Dezembro. 2001.
- LINHARES, M. O.; BISTENE, P. M. Análise da eficácia da terapia fonoaudiológica de grupo para gogos adultos: discussão de casos. Monografia (Graduação) – Universidade Federal de Minas Gerais.
- MOURÃO, LF et al. Grupo terapêutico-fonoaudiológico desenvolvido junto a laringectomizados totais: experiência em situação de Clínica Escola. Rev Dist Comun:2006, 18 (1): 51-61.
- MINAYO, M. C. de S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- SOUZA, A. P. R.; CRESTANI, A. H.; VIEIRA, C. R.; MACHADO, F. C. M.; PEREIRA, L. L. (2011) O grupo na fonoaudiologia: Origens clínicas e na saúde coletiva. Revista CEFAC. 2011 Jan-Fev; 13(1):140-151.
- ZIMERMAN, D. E. Como Agem os Grupos Terapêuticos. In: ZIMERMAN, D. E. & OSORIO, L. C. Como trabalhamos com grupos. Editora Artmed. Porto Alegre, 1997. p. 119 – 125.
- ZIMERMAN, D. E. Fundamentos Teóricos. In: ZIMERMAN, D. E. & OSORIO, L. C. Como trabalhamos com grupos. Editora Artmed. Porto Alegre, 1997. p. 23 – 31.
- ZIMERMAN, D. E. Fundamentos Técnicos. In: ZIMERMAN, D. E. & OSORIO, L. C. Como trabalhamos com grupos. Editora Artmed. Porto Alegre, 1997. p. 32 – 40.

